



O CONTO MACHADIANO “A CARTOMANTE” CORDELIZADO PELO POETA CONTEMPORÂNEO ANTONIO BARRETO: DIÁLOGOS ENTRE O “ERUDITO” E O “POPULAR”

Adriana Martins Cavalcante¹

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - adrianam.cavalcante@hotmail.com

Jéssica Martins Araujo²

Universidade Federal de Campina Grande - jessma.jus@gmail.com

Resumo: O presente estudo tem como intuito refletir sobre a importância da leitura literária no âmbito de sala de aula como propulsora na formação de leitores, partindo do trabalho com o conto *A cartomante* do escritor Machado de Assis transformado em versos de cordel pelo poeta Antonio Barreto. A exploração dos diálogos entre o “erudito” da obra machadiana e o “popular” do reconto da trama em versos de cordel através da mediação do professor apresenta-se, nesta pesquisa, como proposta de aproximação do educando com o texto literário, tendo em vista que experiências de trabalho semelhantes a esta têm se desenvolvido de forma exitosa no que se refere ao processo de formação do leitor crítico, sensível e reflexivo. Para tratar da prática da leitura literária no contexto escolar, utilizaram-se como suporte teórico deste estudo algumas ideias defendidas por Cosson (2009), Silva (2008) e Colomer (2007); aspectos gerais do gênero conto, com ênfase no conto machadiano, estão fundamentados em Moisés (2006) e Gotlib (2006); os diálogos entre as duas versões em estudo foram tratados, retomando ideias defendidas por Kristeva (1974), Genette (2010) e Carvalho (2006); e, finalmente, a abordagem da leitura do cordel na escola foi feita inserindo-se em reflexões de Abreu (2006; 2004), Alves (2011) e Marinho e Pinheiro (2012).

Palavras-chave: Conto, Literatura de Cordel, Diálogos, Leitura literária, Sala de aula.

1 INTRODUÇÃO

Há muito vem se discutindo a formação de leitores na escola e, dentre os principais aspectos tratados, tem se destacado a importância das práticas de leitura literária que consigam despertar no educando a curiosidade pela descoberta do novo, a compreensão do mundo e de si mesmo naquilo que lê; considerando, sobretudo, a relevância que o professor, enquanto mediador de aprendizagens, tem nesse processo.

Sabe-se que o educando vive cercado de textos os mais diversos e nem sempre sente o interesse, a motivação de lê-los. Entre esses, estão os textos literários, ricos em subjetividade, em expressividade linguística e em conhecimento de mundo, no entanto, muitas vezes, a má utilização deles no trabalho em sala de aula é o que acaba distanciando o aluno da prática da leitura. O ato de ler na escola restringe-se, em algumas situações, a uma atividade desenvolvida por obrigação, para

¹ Mestra em Linguagem e Ensino pela UFCG. Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB/Campus Patos)

² Graduada em Direito pela Universidade Federal de Campina Grande.



se atender a uma exigência da série, da disciplina, do currículo; e o próprio professor não se apresenta como um leitor assíduo diante do seu aluno, porta-se apenas como o cobrador de práticas de leitura enfadonhas e desmotivadoras.

Assim, é preciso encontrar meios que consigam modificar o olhar que alguns têm sobre o que seja ler literatura. De acordo com Abreu (2006, p.81), “a experiência da leitura literária nos torna mais humanos, desenvolvendo nossa solidariedade nossa capacidade de admitir a existência de outros pontos de vista além do nosso, nosso discernimento acerca da realidade social e humana.”

Faz-se necessário considerar o caráter humanizante que a literatura - seja erudita ou popular – possui, de tal forma que, quando bem explorada, torna-se propulsora da formação de leitores críticos, reflexivos e sensíveis à realidade humana. Sobre tal aspecto Silva (2008, p. 32) declara que “a linguagem literária apropriadora e transformadora das situações sociais, fala ao sentimento e reclama reflexão”.

O texto literário é um nascedouro de novas ideias a partir das ideias de quem o escreve somadas as de quem o lê. Assim sendo, é importante que a escola seja espaço que permita constantes aprendizagens e isso se consegue quando se desenvolvem práticas de leitura compartilhada³ que instigam a curiosidade, a sensibilidade e o senso crítico do educando.

É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito de linguagem. (COSSON, 2009, p.30)

Ler o texto literário na perspectiva do letramento não se trata de mera decodificação do código linguístico, trata-se de ler compreendendo, fazendo-se perceber a sua função social; e, por conseguinte, permitindo ao leitor aprimorar a sua capacidade de compreensão, de análise crítica e de articulação do pensamento através da linguagem. De acordo com Proença Filho (2007, p. 41),

“o texto literário realmente significativo ultrapassa os limites do codificador para nos atingir, por força ainda do mistério da criação em literatura, com mensagens capazes de revelar muito da condição humana. Caracteriza um mergulho na direção do ser individual, do ser social, do ser humano”.

É nessa perspectiva de texto significativo, que faz refletir aspectos da condição humana - considerando o homem, enquanto indivíduo e como ser social - que se destaca, neste estudo, uma experiência de trabalho no âmbito de sala de aula com a obra machadiana, aqui representada pelo

³ Segundo Colomer (2007, p. 106), “a leitura compartilhada é a base da formação de leitores”.



gênero conto, mais especificamente a obra “A cartomante” e o diálogo com a sua retextualização⁴ em versos de cordel produzidos pelo poeta Antonio Barreto. Experiência sugerida como proposta de incentivo à prática da leitura literária na escola com o intento de desenvolver o letramento literário.

2 A VERSÃO CLÁSSICA DO CONTO MACHADIANO “A CARTOMANTE” E O SEU RECONTO EM VERSOS DE CORDEL

2.1 O CONTATO COM A OBRA MACHADIANA: O DESVENDAMENTO DA NATUREZA HUMANA ATRAVÉS DA LITERATURA

A produção literária machadiana reúne um vasto painel de textos cujas temáticas abordadas transcendem o contexto de sua produção, não é por acaso que Machado de Assis é considerado por diversos críticos o maior prosador da história da Literatura Brasileira. Especialmente nas obras escritas no contexto realista, fase considerada como a mais madura do escritor, encontram-se abordagens sobre a natureza humana, através das quais Machado de Assis consegue colocar o leitor frente a realidades diversas, mostrando ao homem o avesso do próprio homem.

Entre os diversos textos da prosa machadiana, destacam-se aqueles que pertencem ao gênero conto⁵. Segundo Gotlib (2006, p. 77),

os contos de Machado traduzem perspicazes compreensões da natureza humana, desde as mais sádicas às mais benévolas, porém nunca ingênuas. Aparecem motivadas por um interesse próprio, mais ou menos sórdido, mais ou menos desculpável. Mas é sempre um comportamento duvidoso, que nunca é totalmente desvendado nos seus recônditos segredos e intenções...

É possível, portanto, afirmar que os contos machadianos são instigantes, bem elaborados e ricos na abordagem de questões de natureza individual e de natureza social. Constroem-se num intuito de desvendamento do homem na sua condição de indivíduo e na sua relação com o outro,

⁴ Trata-se do processo de “refacção ou a reescrita de um texto para outro, ou seja, trata-se de transformação de uma modalidade textual em outra, envolvendo operações específicas de acordo com o funcionamento da linguagem.” (DELL’ISOLA, 2007, p. 36)

⁵ Para Proença Filho (2007, p. 50), o gênero conto caracteriza-se por oferecer “uma amostra da vida, por meio de um episódio, um flagrante ou instantâneo, um momento singular e representativo. Constitui-se de uma história curta, simples, com economia de meios, concentração da ação, do tempo e do espaço”.



deixando sempre um quê de dúvida, de mistério, aspectos que, se bem explorados, servem de estímulo à leitura.

Nesse contexto de obra intrigante e bem arquitetada, destaca-se o conto “A cartomante”, uma narrativa de caráter breve mais muito bem elaborada, capaz de prender a atenção do leitor em sua trama.

2.1.2 O CONTO A CARTOMANTE

A Cartomante é um conto machadiano que, inserido em um contexto realista da Literatura Brasileira, aborda, de forma irônica, a temática do adultério. Machado de Assis apresenta ao leitor uma trama que envolve aspectos negativos do comportamento humano, contrapondo a visão idealizada da realidade. O escritor traz à tona, por meio de uma abordagem da dimensão psicológica das personagens do conto, contradições humanas, fragilidades, defeitos, carências, tão presentes nas relações sociais e/ou afetivas.

Ao tratar de alguns aspectos que caracterizam o gênero conto, tão recorrente na produção machadiana, Moisés (2006, p. 66) declara que “a grande força do conto reside no jogo narrativo para prender o leitor até o desenlace.” E é assim que se comporta Machado de Assis em *A cartomante*, em uma linguagem totalmente irônica, constrói uma narrativa que, embora seja curta, característica do gênero em estudo, consegue prender a atenção do leitor até o seu desfecho.

Tal obra relata a história de um triângulo amoroso que tem um desfecho trágico, marcado pelo assassinato dos dois amantes pelo esposo traído. A narrativa se inicia com a retomada de uma passagem de uma outra obra da literatura universal, ou seja, Machado de Assis parafraseia um trecho da obra Hamlet, de William Shakespeare, afirmando que “há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia”. O aspecto referido, presente no conto, confirma o pensamento de Kristeva (1974, p.64) que declara que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”.

A referência à obra de Shakespeare é retomada para se referir à explicação dada pela personagem Rita ao seu amante Camilo, no momento em que ele ria do fato de ela ter ido, na véspera daquele momento, consultar uma cartomante com o receio de que ele a esquecesse. Ao que ele garantiu que a moça não teria a mínima razão de preocupar-se, tendo em vista que ele a amava.

Diante de tal situação, Machado de Assis, esclarece ao leitor que Camilo se fazia um incrédulo, mas que, no passado, quando criança, já havia sido supersticioso e cria em coisas semelhantes.



O autor, em seguida, retoma através de um processo de digressão, tão característico de sua obra, a origem e a construção do perfil das personagens que compõem o triângulo amoroso do enredo do conto. Vilela e Camilo, amigos desde a infância, e Rita, a esposa de Vilela e amante de Camilo.

Segundo Moisés (2006, p. 94),

Arguto conhecedor da alma humana, Machado reúne três personagens à sombra do lar burguês, e examina-lhes as ações dirigidas para o destino conhecido: aproxima uma balzaquiana 'formosa e tonta' e um moço ingênuo, às barbas de um homem precocemente envelhecido.

Vale ressaltar que o escritor constrói um perfil para cada personagem que acaba por determinar aspectos gerais das ações que transcorrem na trama.

O destino une os três e, com a morte da mãe de Camilo, Rita passa a cuidar do amigo do esposo. O fato de os dois terem gostos semelhantes os aproxima ainda mais. Assim, Rita consegue seduzir Camilo e a traição se torna uma realidade. Contudo, um dia Camilo recebe uma carta anônima chamando-o de imoral e pérfido, além de afirmar que era sabido de todos o adultério. A partir daí, Camilo passa a rerear suas visitas à casa do amigo. É exatamente nesse ínterim que Rita procura à cartomante e esta lhe restitui a confiança. Daí Camilo recebe mais duas ou três cartas anônimas. E é um bilhete de Vilela recebido por Camilo que faz o amante perder totalmente a tranquilidade. O bilhete convocava-o a estar com Vilela em sua casa, pois eles precisavam conversar.

Somadas as cartas ao bilhete, Camilo se desespera e percebe que não é possível fugir do encontro com o amigo. Ao se dirigir a casa do amigo, penetram-lhe profundamente na sua consciência as palavras registradas no bilhete: "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora". No trajeto até o local do encontro, um incidente com uma carroça o impediu de prosseguir por alguns minutos e, quando ele percebe, está diante da casa da cartomante, referida no início do conto. Ele não resiste e decide entrar no local. Machado de Assis descreve o ambiente como sendo pobre e pouco iluminado e apresenta ao leitor a figura da cartomante: "Era uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos" (ASSIS, 2004, p. 87).

Ela o indaga a respeito do motivo de sua visita, olha-o atentamente embaralha as suas cartas e lhe diz que não havia razões para temer nada. Nada o aconteceria e que o terceiro, Vilela, ignorava tudo. Camilo, semelhante a Rita, sente-se reconfortado, sua paz de espírito havia sido restituída. Paga à cartomante pelo serviço prestado e segue rumo ao local do encontro.

O escritor declara que tudo havia se transformado a partir daquele instante e o jovem Camilo



seguia convicto de que nada lhe aconteceria. Ele chegava a rir de si mesmo e da situação e pensava no futuro, continuar o relacionamento com Rita e a amizade com Vilela. No entanto, de forma enxuta, Machado de Assis, apresenta o desfecho da trama. Camilo chega à casa de Vilela, encontra o amigo, desculpa-se por não ter chegado antes. Vilela com as “feições decompostas”, faz um sinal para que ele passe para uma saleta e, lá, Camilo grita ao ver Rita morta e ensanguentada. Em seguida, o esposo traído, pega Camilo pela gola e desfere dois tiros contra ele, matando-o.

Na forma como Machado de Assis conduz a trama, o próprio leitor que acompanha o personagem Camilo também parece não se dar conta de qual vai ser o desfecho. Até que a paz de espírito da personagem, transferida para o leitor do conto, transforma-se, de forma repentina, em uma cena de horror, uma tragédia.

Em verdade, não se depreende da narrativa os meios pelos quais Vilela veio a ter ciência do relacionamento amoroso mantido por sua esposa Rita e seu amigo Camilo, seja por uma carta anônima, seja pela mera desconfiança associada ao notório desaparecimento de Camilo, que deixara de frequentar a residência do casal com a mesma assiduidade de antes. Mencione-se que os fatos desenvolvidos na narrativa ocorreram no ano de 1869, século XIX, contexto do Brasil Império, quando se encontrava em vigor o Código Criminal de 1830, que, por sua vez, assim como os demais que lhe sucederam, criminalizava a conduta de Camilo e Rita em adultério.

Por outro lado, as funções desempenhadas por Vilela, inicialmente como magistrado e após como advogado, denotam que seu conhecimento acerca dos diplomas legais vigentes não o impediu de marcar o encontro que resultou na morte de sua esposa e de seu amigo. Possivelmente, pouco lhe interessava a existência de uma reprimenda para a sua esposa Rita e seu amigo Camilo, ambos infiéis, porque, no fim, preponderou a sua vontade de conferir-lhes o destino que entendeu ser o devido, por motivação que embora não tenha ficado clara pode ser inferida pelos sentimentos que, em situações como essa, são ínsitos ao ser humano: desespero, indignação, ira, ciúmes e decepção.

2.2 A ADAPTAÇÃO DA OBRA MACHADIANA EM VERSOS DE CORDEL

A Editora Nova Alexandria tem se dedicado a publicar diversas obras da literatura universal e brasileira em versões produzidas na forma de cordel por poetas contemporâneos. Tal coleção de livros se intitula *Clássicos em cordel*. Entre essas obras, encontra-se a adaptação do conto de Machado de Assis *A cartomante*, produzida pelo poeta contemporâneo Antonio Barreto e intitulada *A cartomante em cordel*. Os versos dessa obra são exemplos típicos do processo de

intertextualidade, uma das relações de transtextualidade⁶ através da qual uma obra literária retoma outra obra já existente. Vale salientar que o diálogo entre a obra de Machado de Assis e os versos de Antonio Barreto, ora em estudo, se processa através da reiteração, da reafirmação.

A obra do poeta baiano Antonio Barreto conta com uma apresentação feita por Rogério Soares, tratando de informações sobre o conto de Machado de Assis, sobre a época de sua produção, sobre a adaptação feita pelo cordelista e sobre quem foram ambos os escritores, Machado de Assis e Antonio Barreto. Além disso, o livro apresenta ilustrações, que complementam o texto, feitas por Valdério Costa. Na capa, o ilustrador destaca a imagem da cartomante e no decorrer do livro traz como ilustrações, que se associam ao que está sendo apresentado pelo enredo, cartas do baralho da cartomante. A exemplo dessas imagens, podem-se citar a ilustração que acompanha o desfecho da narrativa, a tragédia, o crime passional, que é a carta com a imagem da Deusa da Justiça, bem como, a ilustração da última página do livro, a carta da Morte.

Antonio Barreto realizou primoroso trabalho ao adaptar o conto *A Cartomante* para o cordel. Manteve o máximo de fidelidade ao texto-base, do autor oitocentista, conseguindo transformar o enredo da prosa em versos de cordel⁷. São 110 sextilhas em versos heptassílabos (redondilha maior), esquema rímico ABCBDB (xaxaxá) em conformidade com a tradição popular dos folhetos de cordel⁸ nordestinos.

Segundo Abreu (2004, p.199), o sucesso dos textos da literatura de cordel “deve-se a um conjunto de fatores, entre os quais se destaca a forte relação com a oralidade mantida por essas composições.” Desse modo, o cordel de Antonio Barreto constrói-se respeitando questões estruturais dos folhetos de cordel tradicionais e a forte influência da oralidade.

Assim se inicia o cordel:

Peço a luz ao Universo
Que conduz meu carrossel
A me dar inspiração,
Pois, em versos de cordel,
Tento agora um desafio
E preciso ser fiel.

Muito além de ser fiel,
Eu não posso fraquejar,
Já que o mundo ficcional
Faz a gente delirar

⁶ A grosso modo, na concepção de Gérard Genette (2010), transtextualidade é tudo que coloca um texto em relação, manifesta ou secreta, com outros textos.

⁷ “Sinônimo de poesia popular em verso.” (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p.17)

⁸ Segundo Luyten (2005), a forma mais comum de versejar um cordel é usando as “sextilhas” – estrofes de seis versos, com sete sílabas poéticas cada uma; além disso, suas rimas, em geral, costumam ser iguais no segundo, quarto e sexto versos.



Sobretudo este assunto
Complexo que vou narrar.

Portanto, caro leitor,
Fique atento e reflita,
Pois o conto A cartomante
É uma arte erudita
De um mestre do Realismo
Que nenhum autor imita.

Conto primoroso
Do nosso Machado de Assis
Que versarei em cordel
Na condição de aprendiz.
Disso eu não tenho dúvidas,
Pois um anjo bom me diz:

“Vai, poeta, vai sem medo,
Permissão eu vou te dar
De narrar a cartomante
Nesse teu ‘cordelizar’
Esses versos tão singelos
Da cultura popular. (Barreto, 2012, p 15-16)

Vê-se que o cordelista se coloca na condição de humilde contador de uma obra erudita da literatura realista no Brasil, declarando ao leitor, que a obra ora produzida trata-se de um intertexto de outra já existente, o conto machadiano *A cartomante*.

Ao dizer: “Pois um anjo bom me diz:/ ‘Vai, poeta, vai sem medo’”, o cordelista adapta a um novo contexto duas passagens semelhantes presentes no enredo do conto, momento em que a cartomante dirige-se a Camilo e lhe diz que ele pode ir ao encontro de Vilela, pois nada de mal lhe acontecerá: “Vá, vá, ragazzo inamorato” e “Vá, vá tranquilo”. Ou seja, é possível perceber que na construção do cordel, Antonio Barreto, usa uma referência intertextual do texto-base (o conto machadiano) para construção de um novo contexto. No contexto do cordel, a fala que se assemelha a da cartomante passa a ser a de um anjo bom que lhe diz que ele será capaz de narrar a história machadiana em versos singelos. Destaque-se também que essa passagem lembra os versos de Drummond: “um anjo torto/(...)/disse: Vai, Carlos! Ser gauche na vida.”, presentes no poema “Sete faces”,

Ao se referir à retomada de um texto por outro, Carvalho (2006, p. 53-54) declara que

Toda repetição está carregada de uma intencionalidade certa: quer dar continuidade ou quer modificar, quer subverter, enfim, quer atuar com relação ao texto antecessor. A verdade é que a repetição, quando acontece, sacode a poeira do texto anterior, atualiza-o, renova-o e (por que não dizê-lo?) o re-inventa.

Mencione-se que os versos de Antonio Barreto, embora de forma mais enxuta, repetem de maneira bastante fiel a trama do conto de Machado de Assis, procurando, no entanto, atualizar a sua linguagem daí se perceber em várias de suas passagens uma linguagem mais popular, mais coloquial e contemporânea. Citem-se como exemplo, expressões e/ou palavras utilizadas pelo cordelista como: “balela” (p.18); “bastante antenada” (p. 19).

A linguagem metafórica e irônica se faz presente nas duas obras. O enredo do conto machadiano se repete fielmente nos versos de Antonio Barreto com pequenos acréscimos e supressões, o que é comum na elaboração de uma obra adaptada.

2.3 TRABALHO COM O CONTO “A CARTOMANTE” E A SUA VERSÃO EM CORDEL: PROPOSTAS DE INCENTIVO AO LETRAMENTO LITERÁRIO

A escola mais do que nunca tem buscado desenvolver práticas pedagógicas que consigam estimular a formação de leitores. Contudo, há de se considerar que tal intento só se torna realmente possível quando as propostas de trabalho com a leitura em sala de aula são estimulantes e motivadoras.

Moura e Martins (2012, p.87) enfatizam que:

Há um consenso entre teóricos e professores, segundo o qual a leitura é essencial para o indivíduo construir seu próprio conhecimento e exercer seu papel social no contexto da cidadania, pois a capacidade leitora amplia o entendimento de mundo, propicia o acesso à informação, facilita a autonomia, estimula a fantasia e a imaginação e permite a reflexão crítica, o debate e a troca de ideias.

Com esse propósito apresenta-se, a seguir, uma proposta de trabalho através de oficinas de leitura literária no âmbito de sala de aula, partindo do estudo do conto machadiano “A cartomante” e da sua retextualização em versos de cordel feita pelo poeta Antonio Barreto, dando destaque especial para a observação dos diálogos existentes entre as duas obras.

Destaque-se, nesse momento, que as sugestões elencadas, nesta pesquisa, podem ser desenvolvidas a partir do 9º ano do Ensino Fundamental, tendo em vista que os alunos já apresentam uma certa maturidade para discutir questões que envolvam aspectos diversos dos textos literários aqui propostos.

2.3.1 OFICINAS DE LEITURA LITERÁRIA

1ª ETAPA : CONHECENDO O TEXTO DE MACHADO DE ASSIS

- ✓ Distribuir cópias do conto com os alunos (organizados em duplas) e solicitar que cada dupla



faça a leitura prévia do conto machadiano e discuta sobre ele.

- ✓ Incentivar os alunos a investigarem um pouco sobre quem foi Machado de Assis e como o texto se situa em uma época específica, declarada explicitamente no seu enredo: “numa sexta-feira de novembro de 1869”, ou seja, segunda metade do século XIX, sugerindo que eles descubram alguns traços da época, questões sociais, políticas, legais, entre outras; sem que haja um direcionamento para determinada temática, a exemplo adultério. Espera-se que, nos momentos seguintes, eles venham pensar em temas sem que o professor direcione-os a isso.
- ✓ Reunir todos os alunos em sala e organizar uma roda de conversa de forma que cada dupla possa expor suas impressões sobre o conto e sobre o seu autor, que temas (assuntos) são tratados no texto e o que pensam sobre isso, deixando fluir uma discussão de forma que eles interajam, troquem ideias, tendo como mediador o professor.

2ª ETAPA: EXPLORANDO O CORDEL DE ANTONIO BARRETO

- ✓ Em consonância com o que defende Alves (2011) ao declarar que a literatura de cordel é arte e como tal deve ser levada à escola para ser apreciada pelos jovens, sugere-se na sequência de atividades das oficinas, aqui propostas, a leitura oral feita em voz alta e de forma compartilhada com os alunos. Levando, sobretudo, em consideração a ideia defendida por Marinho e Pinheiro (2012, p.126), ao declararem que “qualquer sugestão metodológica no campo do trabalho com a literatura de cordel pressupõe este envolvimento afetivo com a cultura popular”. Daí a necessidade de o professor-mediador preparar previamente o educando para o contato com o cordel, estabelecendo uma relação de afetividade com essa representação da cultura popular.
- ✓ Concluída a leitura, na sequência, propõe-se indagar os alunos sobre o que eles sabem sobre cordel, se já tinham lido algum outro texto desse gênero, quais as impressões que ficaram a partir do poema lido.
- ✓ Feitas as colocações dos alunos, o professor retoma aspectos referentes à estrutura tradicional do cordel, a importância da oralidade para este tipo de literatura e a possibilidade de ver adaptadas, em versos de cordel, obras clássicas da literatura universal e brasileira, ou seja, trata com eles da intertextualidade existente entre textos de estruturas e até mesmo de linguagens diferentes.

3ª ETAPA: TRABALHANDO A RETOMADA DAS DUAS OBRAS – DIÁLOGOS ENTRE O “ERUDITO” E O “POPULAR”

- ✓ Lidas as duas obras e feitas as discussões sobre as mesmas, retomar o trabalho das duplas da primeira etapa (desta proposta). De forma que cada dupla organize um esquema em que sejam registrados os pontos de contato e as divergências que eles tenham percebido entre as duas



obras; além de definir qual das duas versões chamou mais a atenção da dupla e por quê.

- ✓ O professor recebe o roteiro dos diálogos organizados pelos alunos e a identificação da obra preferida por eles e organiza uma aula em que possa retomar os principais aspectos destacados pelos alunos, permitindo-lhes interagir com os colegas e com o próprio professor.
- ✓ No momento da aula organizada, o professor-mediador pode retomar aspectos da contextualização da obra, da linguagem, dos temas abordados e da forma como o texto literário é capaz de tratar de questões humanas.

Espera-se, assim, que a experiência proposta nesta etapa seja motivadora de aprendizagens e aguce o poder de observação do educando.

4ª AVALIAÇÃO DAS OFICINAS DE LEITURA LITERÁRIA DESENVOLVIDAS

- ✓ Desenvolvidas todas as propostas acima citadas, não se pode deixar de realizar um momento de avaliação, de modo que os alunos possam apresentar os pontos positivos e negativos das oficinas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Colocar o educando em contato com o texto literário, permitindo-lhe refletir, sentir e (re)descobrir-se no que lê é possibilitar a ressignificação do trabalho com a leitura literária na escola. Para tanto, propostas de trabalho com a literatura, partindo da exploração das relações intertextuais entre uma obra considerada “clássica” e a sua versão recontada através do cordel, podem ser desafiadoras e produzir resultados bastante satisfatórios no processo de formação do leitor.

Sabe-se, no entanto, que para conseguir formar leitores que sejam mais críticos e sensíveis, o educador deve assumir o papel de mediador neste processo que deve ser instigante, motivador de (re)descobertas. Esse é o intuito de desenvolver atividades como as que se propõem nesta pesquisa, colocando professor e alunos na condição de sujeitos do processo de aprendizagem, abrindo espaço para o diálogo, para a reflexão e para a discussão.

Algumas pesquisas já mostram que experiências como a que se apresenta neste estudo têm conquistado êxito no que se refere à busca pela formação de leitores. Espera-se, portanto, que o que se propõe nesta pesquisa seja visto como mais uma possibilidade de desenvolvimento do letramento literário, pois como se sabe, a literatura, como arte, seja prosa ou verso, seja erudita ou popular, se bem explorada, consegue ampliar os horizontes de aprendizagens do educando nas mais diversas



áreas, pois possui um caráter humanizador que, em hipótese alguma, pode ser desconsiderado.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006. (Paradidáticos)
- _____. “Então se forma a história bonita” – relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, vol.10, n. 22, p. 199-218, jul./dez. 2004. Disponível em <<http://scielo.br/pdf/ha/v10n22/22701.pdf>>. Acesso em 10/08/10.
- ALVES, José Hélder Pinheiro. Literatura de cordel na escola: vivência artística ou utilitarismo. In: LIMA, Maria Auxiliadora Ferreira; ALVES FILHO, Francisco; COSTA, Catarina de Sena Sirqueira Mendes da (Orgs.) **Colóquios Linguísticos e Literários: Enfoques Epistemológicos, metodológicos e Descritivos**. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 175-192.
- ASSIS, Machado de. A Cartomante. In: _____. **A Cartomante e outros contos** São Paulo: 2004. (Coleção Travessias)
- BARRETO, Antonio. **A cartomante em cordel**. São Paulo: Nova Alexandria, 2012.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 4. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 2006. (Série Princípios)
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 1. ed. 3. reimpr. São Paulo: Contexto, 2009.
- DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Retextualização dos gêneros escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. (Extratos traduzidos por Cibele Braga et al.) Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.
- GOTLIB, Nádia Batella. **Teoria do conto**. 4. ed. Ática: São Paulo, 2006.
- KRISTEVA, Júlia. A palavra, o diálogo e o romance. In: _____. **Introdução à semanálise**. Trad. Lúcia Helena Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2005. (Coleção primeiros passos; 317)
- MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção Trabalhando com... na escola)
- MOISÉS, Massaud. **A criação literária: Prosa I**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- MOURA, Ana Aparecida Vieira de; MARTINS, Luzente Rodrigues. A mediação da leitura: do projeto à sala de aula. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris et al. **Leitura e mediação pedagógica**. São Paulo: Parábola, 2012. (Estratégias de ensino; 30)
- PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007. (Série Princípios; 49)
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. Literatura e Pedagogia: reflexão com relances de depoimento. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e Pedagogia: ponto e contraponto**. São Paulo: Global, 2008.